

## *Comunicação, Mídia e Interseccionalidade: uma relação necessária*

*Communication, Media and Intersectionality: a necessary relationship*

*Comunicación, Medios e Interseccionalidad: una relación necesaria*

Carla CERQUEIRA<sup>1</sup>  
Cláudia LAGO<sup>2</sup>  
Cláudia NONATO<sup>3</sup>

Quando este dossiê foi proposto, a ideia era, a partir do conceito de interseccionalidade, cunhado e difundido com os trabalhos de Kimberle Crenshaw (1989, 1991), colocar em movimento uma das perspectivas mais interessantes, a nosso ver, para os estudos de Comunicação, na atualidade. A interseccionalidade, como indicamos no convite à edição, nasce no âmbito das discussões feministas e pós-coloniais e pode ser buscada em inúmeras outras propostas, algumas anteriores e realizadas em outros contextos geográficos, como é o caso de Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Maria Lugones, Avtar Brah, entre outras. Com isso apontávamos que a interseccionalidade não se resume a um conceito, ela pode ser entendida melhor enquanto uma abordagem, uma forma de olhar e compreender o mundo e uma perspectiva teórica-epistemológica e metodológica sobre as pesquisas, que pode ser aplicada a diversas áreas disciplinares. Dentro deste contexto, a interseccionalidade aponta para os silenciamentos de grupos e corpos dissidentes da norma, para a invisibilidade de suas experiências, epistemologias, de suas existências, enfim.

---

<sup>1</sup> Professora Auxiliar da Universidade Lusófona e investigadora integrada do CICANT – Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias, PI do projeto “FEMglocal (PTDC/COM-CSS/4049/2021). E-mail: carla.cerqueira@ulp.pt - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6767-3793>

<sup>2</sup> Professora da ECA e do PPGCOM da Universidade de São Paulo, coordenadora do Grupo de Pesquisa Alter/Gen. E-mail: claudia.lago07@usp.br - ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1207-2568>

<sup>3</sup> Pós-doutoranda no Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP); bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: claudia.nonato@uol.com.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5447-9761>



A perspectiva interseccional permite, deste modo, visibilizar experiências silenciadas (GOPALDAS, 2013) assim como perceber os efeitos dos múltiplos pertencimentos que atravessam as constituições identitárias, como gênero, raça, sexualidade, etnia, localização geográfica, idade, diversidade funcional, entre outros. Atravessamentos que a cada dia se fazem mais presentes, e alardeiam a diversidade constitutiva de seres humanos, ao contrário da homogeneidade calcada em uma única possibilidade de experiência como marco: a do homem, branco, hetero, cis, relacionado aos paradigmas eurocêntricos. Ao mesmo tempo, o conceito epistêmico operativo permite perceber, para além dos marcadores e das naturalizações forçadas, as estratégias de empoderamento de identidades marginalizadas, bem como desconstruir o oposicionismo binário e o universalismo (DAVIS, 2014) que marcavam muitas das investigações, mesmo as realizadas dentro dos campos progressistas, mesmo as feministas.

No âmbito da academia, a perspectiva interseccional esteve durante muito tempo ausente, mas, recentemente, começou a se apresentar como uma espécie de palavra de ordem que passa a orientar uma série de discursos e propostas (DAVIS, 2014). Este movimento, no entanto, pode simplesmente estar se utilizando do termo, apagando, assim, sua força e sua essencialidade. Com isso, é necessário voltar às suas origens, reforçando a relevância que adquire atualmente (COLLINS; BILGE, 2016) e, no caso dos Estudos de Mídia e Comunicação, pensá-lo não apenas como um conceito, mas, como já indicamos, uma perspectiva, um olhar que deve nortear as pesquisas. Como aponta Nash (2008), não é possível uma abordagem interseccional despolitizada, pois a interseccionalidade sempre estará relacionada ao apontamento de lugares de opressão e privilégio (JAGGAR, 2015) e da ocupação dos lugares de fala (RIBEIRO, 2017). Em um mundo globalizado, marcado por múltiplas interações de níveis diversos, utilizar esta lente implica também não ignorar a história e o contexto, o que nossas pesquisas, muitas vezes ainda fazem.

No campo da comunicação e da mídia, a abordagem interseccional começa a assumir relevância, nomeadamente pelo crescimento dos estudos com um enfoque nas desigualdades sociais, que procuram trazer para a discussão questões relacionadas a poder, representação e identidades (CERQUEIRA; MAGALHÃES, 2017). Contudo, ainda se trata de uma abordagem que precisa e merece ser ampliada, espreada para o conjunto de nossos objetos. Como pensar a mídia se não a enquadrarmos como uma poderosa tecnologia de gênero (DE LAURETIS, 2019), raça e classe?



Estas foram as premissas que apoiaram este dossiê e que, temos o prazer de indicar, reúne trabalhos que se organizam a partir de vários objetos empíricos, abordagens teóricas, metodologias de análise – mas que guardam entre si a perspectiva interseccional, trabalhada de forma conceitual e orientadora, em diversos níveis.

Abrimos o dossiê com *Perspectivas Interseccionais de Gênero, Classe e Raça: um mapeamento de estudos de Comunicação*, em que Lírian Sifuentes localiza as investigações da área a partir de pesquisas que articulam os marcadores de gênero, raça e classe. Detendo-se nos trabalhos apresentados nos encontros da Compós, focando especialmente os que analisam as plataformas digitais, inquirindo se estas pesquisas se relacionam à interseccionalidade tanto empírica quanto teoricamente, a autora encontra silenciamentos nas abordagens, especialmente em relação à raça, mas também intenções de pensar plataformas como espaços de democratização das representações.

O segundo artigo, *Comunicação quilombola, resistência e proximidade na redução das desconexões no enfrentamento à pandemia* de Ivonete da Silva Lopes, Lindemberg Ribeiro Caetano e Jéssica Suzano Magalhães Cardoso, é uma aplicação bastante consistente da interseccionalidade, ao operacionalizá-la enquanto olhar epistêmico na análise das resistências de comunidades quilombolas na pandemia de Covid-19, a partir de publicações no Instagram e de entrevistas com articulações das comunidades, apontando as dificuldades e as estratégias de comunicação destes locais. O terceiro artigo, *A roleta interseccional na análise da publicidade: alguns resultados*, de Pablo Moreno Fernandes, amplia a relação do conceito com a prática ao propor essa metodologia para pensar anúncios na mídia impressa, percebendo esforços para construções mais diversas, mesmo que com apontamentos críticos. O quarto artigo, *A importância de um olhar interseccional nas pesquisas em plataformas digitais: análises sobre lesbianidades*, de Dayane Barretos, Kellen Xavier, Joana Ziller, Isabela Bettoni e Leíner Hoki, enfatiza mídias sociais, como YouTube, Instagram e Tiktok, discutindo a necessidade de um olhar interseccional para pensar a construção das lesbianidades nestes espaços e denunciando o que aponta como um caráter anti-interseccional dos algoritmos que prefiguram estas mídias, por construírem um ideal unitário de lesbianidades que não dá conta da diversidade possível.

A pandemia de Covid-19 volta a ser pano de fundo no quinto trabalho, em *Notícia da primeira vacinada contra Covid-19 no Brasil* vista por lentes feministas interseccionais de Ana Carolina Escosteguy e Suzane Borela, que analisam as notícias



sobre a primeira pessoa vacinada no Brasil, mulher e negra, nos site “Nós, Mulheres da Periferia” e “Alma Preta”, ancorando-se na perspectiva interseccional entrelaçada às lentes do feminismo e na adoção da experiência como uma categoria epistemológica.

No sexto trabalho, *Publicidade e expressões simbólicas da mulher na cena pública: das imagens hegemônicas à emergência de imagens discordantes*, de Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes e Patrícia de Souza Nunes, os objetos empíricos são publicidades em *outdoors* em avenidas de duas capitais, Recife (PE) e Natal (RN), bem como em intervenções urbanas nos trajetos destas cidades, articulando a interseccionalidade às imagens de controle, em um exercício etnográfico. No sétimo artigo, *Emancipações comunicativas, políticas e estéticas na articulação de corpos negros em torno do movimento secundarista*, de Francine Altheman e Ângela Cristina Salgueiro Marques, o enfoque recai sobre os arranjos posicionais de corpos negros nas cenas de insurgência do movimento secundarista em São Paulo em 2015. Por fim, fechando o dossiê temos *Mulheres Estagiárias em Jornalismo: análise a partir da perspectiva interseccional*, de Évilin Matos Campos e Rafael Grohmann, artigo que articula a interseccionalidade de gênero, raça e classe para pensar como mulheres estagiárias de jornalismo investem, programam e estabelecem estratégias de ascensão na carreira, ao mesmo tempo em que o texto desnuda mecanismos que colocam mulheres às margens na profissão.

Um quadro tão amplo de trabalhos certamente aponta para a premissa do dossiê, de articular a interseccionalidade a partir de diferentes posições para ampliar e complexificar as pesquisas em Comunicação. Um olhar que, de certo modo, se desdobra na Seção Livre com o primeiro artigo *Performances de gênero em obras televisivas de inspiração histórica: um estudo de “O Quinto dos Infernos” e “Novo Mundo”*, de Jarlene Rodrigues Reis e Denise da Costa Oliveira Siqueira. As autoras discutem, entre outros pontos, como as representações midiáticas deste casal histórico, Dom Pedro I e Dona Leopoldina, se constroem e se renovam desde os tempos coloniais, pautadas pela hegemonia branca, masculina e heterossexual. Já o texto seguinte, *O limiar da piscina: uma análise do filme “Que horas ela volta?” em diálogo com o imaginário sobre a desigualdade social brasileira*, de Anaurelino Negri e Roberto Tietzmann, parte da compreensão do cinema como um produto do seu tempo para, a partir da análise da obra traçar paralelos potentes que imbricam os personagens do filme ao contexto político e social do imaginário brasileiro.



Na sequência, também o país está no centro das reflexões de *O gigante que acorda e vai às ruas: a produção simbólica, estética e insurgente das Jornadas de Junho*. Ao retomar um tema que ainda respinga sobre a realidade brasileira, Gustavo Souza Santos, o autor do artigo, reconhece a farta produção de imagens do período, para debatê-las à luz de um processo que produziu, entre outros resultantes, uma ampla variedade de pautas, de atores e de territórios. O mesmo Brasil continua em foco, agora de modo indireto, em *O discurso político midiático sob a lente da Semiologia: análise de um vídeo do Presidente Jair Bolsonaro no YouTube*, cujos autores são Ernani Cesar de Freitas, Luis Henrique Boaventura e Luciane Schiffli Farina. O texto vale-se da semiologia da Análise do Discurso para mostrar como, neste discurso realizado em setembro de 2020, o atual presidente tenta persuadir o espectador da veracidade do que diz.

O mesmo discurso serve para Alda Costa, Jússia Ventura, Ivana Oliveira e Raul Ventura Neto discutirem as narrativas jornalísticas sobre a Amazônia em *Apontamentos interpretativos e jornalísticos sobre a Amazônia: o discurso de Bolsonaro na ONU*. No artigo, os autores analisam 11 matérias veiculadas em jornais locais de seis dos nove estados que compõem a Amazônia Legal, para discutir os enquadramentos e as vozes que estes veículos trazem na perspectiva de compreensão desta região que hoje é tão essencial na luta contra a grave crise ambiental e social vigente no país. Finalmente, fechando a Seção Livre, temos o artigo Memória e temporalidade em narrativas jornalísticas: a efeméride “BH 120 anos” no jornal Estado de Minas, de Anna Cavalcanti e Luciana Amormino. No texto, as autoras discutem o papel do jornalismo no agenciamento da memória valendo-se de estratégias narrativas que desvelam a busca por acentuar os vínculos que a imprensa estabelece com a cidade.

Após este percurso, esta que é a última edição de 2022 - um ano tão emblemático para o Brasil e para as Pós-Graduações em função de, finalmente, ter sido possível divulgar o resultado da avaliação quadrienal de 2017-2020 – traz como último texto entrevista com Shanelle Mathews realizada por Diego Cotta e Renata Saavedra. Publicada em inglês e português, a entrevista com esta comunicadora, professora da *The New School*, universidade em Nova Iorque, e diretora de comunicação do “Movimento por Vidas Negras”, além de fundadora da “Rede de Comunicadores Radicais”, aborda diversos temas que circundam e atravessam os movimentos sociais, dando pistas para o enfrentamento dos desafios comunicacionais hoje colocados para



tais lutas, na perspectiva de uma construção narrativa robusta que dê sustentação aos sonhos de um futuro mais livre das barbáries atuais.

Boa leitura!

*Carla Cerqueira, Claudia Lago e Claudia Nonato (Ed. Seção Temática)*

*Denise Tavares, Larissa Morais e Renata Tomaz (Ed. da Seção Livre)*

---

## Referências

CERQUEIRA, Carla; MAGALHÃES, Sara I. Ensaio sobre cegueiras: cruzamentos interseccionais e (in)visibilidades nos media, **ex aequo**, n. 35, p. 9-20, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2017.35.01>.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, **Feminist Theory and Antiracist Politics**, v. 1989. n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acesso em 15 set. 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity, Politics and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, jul. 1991. DOI: <https://doi.org/10.2307/1229039>

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. Cambridge: Polity Press, 2016.

DAVIS, Kathy. Intersectionality as Critical Methodology. In: LYKKE, Nina (ed.). **Writing Academic Texts Differently: Intersectional Feminist Methodologies and the Playful Art of Writing**. Londres: Routledge, 2014, p. 17-29

DE LAURETIS, Teresa. Tecnologia de Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 121-155. GOPALDAS, Ahir. Intersectionality 101. **Journal of Public Policy & Marketing**, v. 32, n. 1, p. 90-94, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1509/jppm.12.044>

JAGGAR, Alison M. **Just Methods: An Interdisciplinary Feminist Reader** (2ª ed.), Nova York: Routledge, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315636344>

NASH, Jennifer. Rethinking intersectionality. **Feminist Review**, v. 89, n. 1, p. 1-15, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1057/fr.2008.4>

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? (Feminismos Plurais). Belo Horizonte: Letramento, 2017.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.